

Perspectivas sobre Nova
Canção Chilena e o debate
cultural durante a Unidade
Popular

Perspectives on the Chilean
New Song and the cultural
debate during Popular Unity

Perspectivas sobre la Nueva
Canción Chilena y el debate
cultural durante la Unidad
Popular

Carolina Amaral de Aguiar¹



SCHMIEDECKE, Natália Ayo. *Chilean New Song and the Question of Culture in the Allende Government: Voices for a Revolution*. Lanham: Lexington Books, 2022.

Os estudos sobre a cultura durante os anos da Unidade Popular (UP) no Chile vêm ganhando espaço na última década, uma vez que o período foi, inicialmente, abordado em maior proporção pela História Política. É interessante notar que nas universidades brasileiras surgiram pesquisas relevantes para o debate sobre as políticas culturais durante a UP. Para citar apenas alguns estudos sobre o campo musical, podemos destacar as contribuições de Tânia da Costa Garcia (2009), Caio de Souza Gomes (2013), Mariana Oliveira Arantes (2022), Rafael Rodrigues Cavalcante (2016) e Natália Ayo Schmiedecke (2013). Esta última pesquisadora, autora do livro aqui resenhado, vem consolidando uma reconhecida carreira internacional que a torna referência sobre o tema no Brasil e no exterior.

Em 2022, Natália Ayo Schmiedecke publicou nos Estados Unidos, pela editora Lexington Books, o livro *Chilean New Song and the Question of Culture in the Allende Government: Voices for a Revolution* (2022). A base da pesquisa foi o mestrado realizado pela pesquisadora na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Schmiedecke, 2013), que já havia originado outro livro no Brasil (Schmiedecke, 2015). O livro estadunidense, como a própria autora expõe, procura tratar da relação próxima entre o movimento musical da Nova Canção Chilena (NCC) e o governo de Salvador Allende (1970-1973) no Chile de forma abrangente, uma vez que grande parte da bibliografia sobre o tema se restringe a artigos e capítulos de livros com recortes mais específicos.

O livro foca na contribuição dos artistas, particularmente dos músicos, para a construção de uma “nova cultura” e de um “novo homem” nos mil dias em que a Unidade Popular governou o Chile. Em relação aos trabalhos anteriores, a autora afirma que muitas vezes se concentram nos diferentes projetos no interior do movimento, o que faz com que sejam ressaltadas mais as divergências internas da NCC do que seu diálogo amplo com o campo da cultura durante a UP. Entre as exceções, a autora cita pesquisadores como Jan Fairley, César Albornoz, Martín Bowen Silva e Javier Rodríguez Aedo, com os quais dialoga de forma mais próxima.

Chilean New Song and the Question of Culture in the Allende Government: Voices for a Revolution tem como um de seus objetivos principais cobrir a Nova Canção Chilena em sua totalidade, incluindo artistas e obras consagrados e aqueles menos lembrados. Também procura estabelecer conexões entre o



campo musical e o universo mais amplo da esquerda chilena, especialmente no que se refere às políticas culturais que buscaram ser implementadas por esse campo político no período. Dessa forma, entre as perguntas que norteiam a pesquisa, é possível destacar qual foi o envolvimento dos músicos com o debate cultural da UP e a questão sobre *se* e *como* a ascensão da esquerda ao poder pode ter contribuído para as dinâmicas internas e o desenvolvimento do movimento da NCC. A autora propõe também considerar os músicos a partir da categoria analítica de “intelectuais”, uma vez que eles tiveram um papel ativo na proposição de uma mudança substancial política, social e cultural que procurou ser implementada pela Unidade Popular.

Para analisar a relação entre a cultura política marxista que esteve no poder durante o governo de Salvador Allende e a Nova Canção Chilena, a autora utiliza inúmeras fontes, principalmente de natureza impressa, publicadas durante a Unidade Popular no Chile. Entre elas, chama atenção a grande quantidade de artigos que povoaram revistas propriamente dedicadas ao campo cultural, como *Onda* (1971-1973), *La Quinta Rueda* (1971-1973), *Ramona* (1971-1973), *Ahora* (1971), *El siglo* (1971-1973). A pesquisa nos periódicos serviu de base para a seleção dos músicos e das fontes musicais estudados em um segundo momento: de acordo com a autora, foram analisados mais de 90 álbuns gravados entre 1960 e 1973. Houve, portanto, uma espécie de cotejo entre o posicionamento público desses artistas por meio da imprensa (bem como o debate crítico de terceiros sobre a cena musical), e sua produção artística-musical.

O livro está organizado em três capítulos. O primeiro, “The Place of Culture in the Government of the Popular Unity”, dedica-se às políticas culturais e aos debates sobre a cultura ocorridos no Chile durante a Unidade Popular. Dessa forma, não se restringe ao campo musical, e sim procura mapear alguns discursos que estiveram presentes na cena cultural e nas tentativas governamentais de implementar políticas públicas no período. Ressalta, sobretudo, os posicionamentos e as ações da Unidade Popular, além dos pressupostos defendidos pelas diferentes vertentes intelectuais que apoiavam a UP. Schmiedecke opta, porém, por não enfatizar a tese de que houve divergências importantes entre os artistas que defendiam a coalizão política, mas sim tratar os posicionamentos diversos com base na ideia de que se justificavam pela heterogeneidade de forças no interior do projeto. Nesse sentido, a autora concorda apenas parcialmente com a ideia disseminada nos estudos sobre as políticas culturais do governo de Allende de que as divisões colaboraram para a não implementação de políticas culturais efetivas. Para



ela, a UP teria sido marcada, principalmente, por uma tentativa constante de democratizar a cultura.

No capítulo 2, “Official Song?”, Natália Schmiedecke define a Nova Canção Chilena por meio da presença, entre os músicos, de um discurso engajado. Dessa forma, a autora utiliza a noção de “intelectual engajado” para analisar esses atores. O capítulo lança como questão principal a indagação sobre se esse engajamento seria suficiente para definir a NCC como uma “música oficial”. Para ela, se é verdade que o próprio termo “Nova Canção Chilena” passou a ser usado durante a campanha eleitoral e nos anos da Unidade Popular, o que vincularia esse movimento à aliança que governou o Chile entre 1970 e 1973, o engajamento da NCC estaria relacionado a um compromisso político mais amplo (com a esquerda), assim como com um compromisso social com os trabalhadores e cultural com o folclore chileno.

O livro analisa a trajetória de duas gravadoras fundamentais para Nova Canção Chilena, a Discoteca do Cantar Popular (DICAP) e a Indústria de Rádio e Televisão (IRT). Nessa análise, chega à conclusão de que nem sempre os músicos encontraram patrocínio estatal e que não participaram ativamente das políticas culturais da Unidade Popular, o que seria um indício que caminha na contramão da ideia de que se tratava de uma “música oficial”. Desse modo, vincula ao envolvimento direto com o Estado a oficialidade de um fenômeno cultural. Outro argumento utilizado é o de que nem sempre a NCC aparece no *ranking* de popularidade musical exposto pelas revistas publicadas na época, o que relativiza a afirmação de que tenha sido um movimento privilegiado no momento em relação a outras vertentes artísticas.

Por fim, no capítulo 3, “Controversies within Chilean New Song”, Schmiedecke trata de quais foram os temas centrais do debate sobre os rumos da cultura e do engajamento entre os músicos no período. Dessa forma, procura responder a perguntas como: quais foram as diferentes posições em relação a assuntos como a “batalha ideológica” e o fomento a uma “nova cultura”? Este capítulo é o que mais se dedica a estudar as composições do NCC para indagar sobre de que forma elas apoiaram a Unidade Popular e como se situam no interior do movimento musical. Baseada no pesquisador Claudio Rolle, a autora divide as canções em dois grupos. No primeiro, estariam aquelas dedicadas à construção de um novo Chile e que procuravam ajudar a ampliar a base de apoio da UP. Nelas, prevalecem um tom otimista. No segundo grupo estariam as “canções contingentes”, dedicadas a denunciar os inimigos do poder popular. Há ainda um terceiro bloco, em que estariam aquelas que têm o “povo” como tema e que



dialogam de forma mais próxima com as músicas populares chilenas. Nesse sentido, ressalta que, apesar da importância do folclore camponês para a NCC, os elementos da música popular urbana não estiverem ausentes. É interessante também, neste último capítulo, a forma como a autora trata do embate entre o folclorismo e a “invasão cultural” estadunidense durante a Unidade Popular, bem como a abordagem sobre o debate de época entre as noções de arte popular e de “alta cultura”.

Como se pode perceber neste breve mapeamento das principais questões às quais *Chilean New Song and the Question of Culture in the Allende Government: Voices for a Revolution* se dedica, a obra é uma leitura fundamental para aqueles que pretendem conhecer ou pesquisar o movimento da Nova Canção Chilena. Por sua abrangência, torna-se um ponto de partida para o estudo sobre a NCC. Porém, isso não implica em dizer que o livro é panorâmico ou superficial, pois a autora demonstra vasto conhecimento das minúcias tanto do movimento como das políticas culturais planejadas ou levadas a cabo durante a Unidade Popular. Destaca-se ainda a sólida base teórica da pesquisadora, o amplo diálogo com a bibliografia existente e a grande presença de fontes de época no estudo. Nesse sentido, o livro ultrapassa inclusive o campo musical, sendo relevante para compreender a Unidade Popular como um todo, período em que o Chile se tornou uma referência mundial para as esquerdas e que seus músicos e canções foram escutados em várias partes do mundo.

Referências

ARANTES, Mariana Oliveira. No ritmo da Nueva Ola a juventude chilena escuta o Norte Global. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 29, p. 1-16, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1983-201X.120472>. Acesso em: 29 dez. 2023.

CAVALCANTE, Rafael Rodrigues. “*La vida de los héroes de Chile se escribe en el peligro clandestino*” *Quilapayún e Inti-Ilumani: a Nova Canção Chilena no exílio (1973-1988)*. 2016. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/4fc6086d-3972-402c-b18a-8b60ef453159/full>. Acesso em: 29 dez. 2023.

GARCIA, Tânia da Costa. Tradição e modernidade: reconfigurações identitárias na música folclórica chilena dos anos 1950 e 1960. *História Revista*, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 483-495, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/>



view/6648. Acesso em: 29 dez. 2023.

GOMES, Caio de Souza. “Quando um muro separa, uma ponte une”: conexões transnacionais na canção engajada na América Latina (anos 1960/70). 2013. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-28062013-130124/pt-br.php>. Acesso em: 29 dez. 2023.

SCHMIEDECKE, Natália Ayo. *Chilean New Song and the Question of Culture in the Allende Government: Voices for a Revolution*. Lanham: Lexington Books, 2022.

SCHMIEDECKE, Natália Ayo. *Não há revolução sem canções: utopia revolucionária na Nova Canção Chilena, 1966-1973*. São Paulo: Alameda, 2015.

SCHMIEDECKE, Natália Ayo. *Tomemos la historia en nuestras manos: utopia revolucionária e música popular no Chile (1966-1973)*. 2013. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1983-201X.120472>. Acesso em: 29 dez. 2023.

Notas

¹Professora na área de História da América e do Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL).